

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições

3



Atena
Editora
Ano 2022

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

GÊNERO E SEXUALIDADE:

Lugares, história e condições

3



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Gênero e sexualidade: lugares, história e condições 3

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G326 Gênero e sexualidade: lugares, história e condições 3 /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0464-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.644222807>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Ferreira,
Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 306.765

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea Gênero e sexualidade Lugares, história e condições, reúne neste terceiro volume oito artigos para problematizar as relações de gênero na contemporaneidade.

A partir da virada do século XIX para o XX, com o advento da Psicanálise, estudando a histeria e se questionando sobre o que quer uma mulher, e com as discussões em torno das Ciências Sociais e Humanas, que procuravam encontrar um lugar social para os homens e mulheres, e sobretudo, com o advento das pesquisas culturais e feministas, indagando sobre a participação dos grupos minoritários na sociedade, as pesquisas sobre sexualidade e gênero ganham espaço nos meios acadêmicos.

Do questionamento sobre como se constrói uma mulher, à despatologização da homossexualidade, e à luta pela igualdade de direitos, um leque infinito de possibilidades discursivas é aberto, na tentativa tanto de remediar os efeitos danosos de intolerância e tradicionalismo, quanto de construção de subjetividades impares.

Espero que pela leitura dos textos que se seguem, uma abertura crítica sobre a diversidade das possibilidades de leituras sobre a questão do gênero surja para cada leitor.

Uma boa leitura a todos!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ÍRIS DE FÁTIMA DA SILVA, UMA ‘PARAIBUCANA’ NA LUTA PELO FEMINISMO NEGRO E LÉSBICO

Giovanna de Araújo Leite

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228071>

CAPÍTULO 2..... 8

POLÍTICA PÚBLICA DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DO “PROGRAMA MULHERES MIL” DO INSTITUTO FEDERAL GOIANO, CAMPUS DE URUTAÍ

Luma Rosa Martins Silva


Jonas Modesto de Abreu

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228072>

CAPÍTULO 3..... 23

MULHERES INDÍGENAS E FEMINISMOS – UM ENCONTRO PARA DESCOLONIZAR CONCEITOS A PARTIR DO MOVIMENTO DE MULHERES INDÍGENAS NO BRASIL

Luciana Nogueira Nóbrega

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228073>

CAPÍTULO 4..... 36

AFINAL, O QUE É IDEOLOGIA DE GÊNERO?

Marcela Rodrigues Santos

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228074>


CAPÍTULO 5..... 42

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER - DANO EMOCIONAL DENTRO DOS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Letícia Sousa Marques

Roseane Vilarins de Almeida

Bernadino Cosobeck da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228075>


CAPÍTULO 6..... 53

VIOLÊNCIA FÍSICA CONTRA A POPULAÇÃO ADULTA: UMA ANÁLISE DAS NOTIFICAÇÕES NO ESPÍRITO SANTO, BRASIL

Karina Fardin Fiorotti

Márcia Regina de Oliveira Pedroso

Franciéle Marabotti Costa Leite


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228076>

CAPÍTULO 7..... 68

REFLEXÕES SOBRE O ATENDIMENTO DE INDIVÍDUOS NÃO-HETEROSSEXUAIS EM

UMA COMUNIDADE TERAPÊUTICA RELIGIOSA


Janine Targino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228077>

CAPÍTULO 8..... 74

AS RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DAS BODAS DE CANÁ (JO 2,1-11)

Josymara Dias de Paula

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228078>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 84

ÍNDICE REMISSIVO..... 85

CAPÍTULO 7

REFLEXÕES SOBRE O ATENDIMENTO DE INDIVÍDUOS NÃO-HETEROSSEXUAIS EM UMA COMUNIDADE TERAPÊUTICA RELIGIOSA

Data de aceite: 04/07/2022

Data de submissão: 23/06/2022

Janine Targino

IUPERJ/UCAM

Rio de Janeiro

<http://lattes.cnpq.br/4168501153374570>

RESUMO: Esta comunicação tem a intenção de descrever e analisar a trajetória de indivíduos não-heterossexuais no que diz respeito a busca por afastamento do uso de substâncias no âmbito de uma comunidade terapêutica religiosa (CT). Ao longo da discussão nos nortearmos pela definição de CT presente em Ribeiro & Minayo (2015), na qual as CT's são identificadas como espaços financiados ou cofinanciados por entidades religiosas e pelo Estado que atuam com o objetivo de recuperar usuários de substâncias fundamentalmente através da abstinência. Além disso, nota-se que as CT's expandem o raio de alcance de igrejas que se empenham em promover a evangelização em *bocas de fumo* e *cracolândias*. Através da análise dos dados coletados ao longo da pesquisa, pode-se concluir que, quando adentram uma CT em busca de tratamento, indivíduos identificados como não-heterossexuais são recebidos e atendidos sob circunstâncias singulares e sujeitos a discursos profundamente atravessados por moralidades religiosas e não religiosas.

PALAVRAS-CHAVE: Uso de substâncias; Comunidade Terapêutica; Indivíduos não-

heterossexuais.

REFLECTIONS ABOUT THE CARE OF NON-HETEROSEXUAL INDIVIDUALS IN A RELIGIOUS THERAPEUTIC COMMUNITY

ABSTRACT: This paper intends to describe and analyze the trajectory of non-heterosexual individuals about the search for withdrawal from substance use within a religious therapeutic community (TC). Throughout the discussion, we will be guided by the definition of TC present in Ribeiro & Minayo (2015), in which TC's are identified as spaces financed or co-financed by religious entities and the State that act with the objective of recovering substance users, fundamentally through abstinence. In addition, it is noted that the TCs expand the reach of churches that are committed to promoting evangelization in *bocas de fumo* and *cracolândias*. Through the analysis of the data collected during the research, it can be concluded that, when they enter a TC in search of treatment, individuals identified as non-heterosexual are received and treated under unique circumstances and subject to discourses deeply traversed by religious moralities and not religious.

KEYWORDS: Substance use; Therapeutic Community; Non-heterosexual individuals.

INTRODUÇÃO

Esta comunicação tem a intenção de descrever e analisar a trajetória de indivíduos não-heterossexuais no que diz respeito a busca por afastamento do uso de substâncias no

âmbito de uma comunidade terapêutica religiosa (CT). O material analisado é proveniente de entrevistas semiestruturadas e observações de campo realizadas com mulheres acolhidas¹ em uma CT vinculada a um grupo católico carismático. As coordenadoras desta CT foram igualmente ouvidas em entrevistas semiestruturadas.

Os dados serão analisados sob o prisma dos conceitos de moral – religiosa e não-religiosa – e conversão. Assim sendo, os relatos das acolhidas e das coordenadoras da CT serão esmiuçados com o objetivo de apreendermos como, no processo de acolhimento dessas mulheres, os discursos e moralidades presentes na cosmologia religiosa são mobilizados enquanto recursos entendidos como capazes promover alterações na carreira moral (GOFFMAN, 1988) de indivíduos não-heterossexuais.

Ao longo da discussão nos nortearmos pela definição de CT presente em Ribeiro & Minayo (2015), na qual as CT's são identificadas como espaços financiados ou cofinanciados por entidades religiosas e pelo Estado que atuam com o objetivo de recuperar usuários de substâncias fundamentalmente através da abstinência. Destaca-se que o principal projeto terapêutico das CT's é o tratamento religioso, que pode substituir ou agregar outras modalidades de tratamento, como a medicamentosa, por exemplo. Além disso, nota-se que as CT's expandem o raio de alcance de igrejas que se empenham em promover a evangelização em *bocas de fumo* e *cracolândias*.

Através da análise dos dados coletados ao longo da pesquisa pode-se concluir que, quando adentram uma CT em busca de acolhimento, indivíduos identificados como não-heterossexuais são atendidos sob circunstâncias singulares e sujeitos a discursos profundamente atravessados por moralidades religiosas e não religiosas.

ALGUNS PONTOS PARA UMA ANÁLISE PRELIMINAR

Um ponto bastante sensível dentro da CT foco da pesquisa são os relacionamentos homoafetivos que eventualmente surgem e se desenvolvem entre as acolhidas. Algumas delas relataram em suas entrevistas que, antes de aderir ao tratamento contra o uso de substâncias nesta CT, se relacionavam afetivamente com pessoas do mesmo sexo e se autodefiniam, até então, como indivíduos homossexuais. Inclusive as entrevistas captaram casos em que as acolhidas deixaram de se identificar ou se apresentar como homossexuais em função do início do tratamento, uma vez que os preceitos aplicados no bojo de um tratamento religioso para a dependência química expressam certa intolerância com indivíduos que não performam heterossexualidade. Provavelmente por isso, essas mulheres encontram dificuldades em gerir uma nova economia dos afetos² dentro dos

1 Ao longo do texto será usado o termo “acolhida” para se referir às mulheres atendidas na CT. A utilização desse termo tem por objetivo expressar a condição em que essas mulheres se encontram e como elas se reconhecem, uma vez que elas permanecem nessa instituição voluntariamente e podem sair a qualquer momento. No entanto, é importante ressaltar que esse é um termo êmico que tem sido utilizado no universo das CTs, mas que não reflete, necessariamente, uma definição amplamente aceita nos campos de política de drogas e saúde, e sua utilização pelas CTs é controversa.

2 Aqui, aplicou-se o conceito de economia dos afetos, conforme Spinoza (2009) para tratar das normas compartilhadas

muros desta CT, onde não podem estabelecer relacionamentos homoafetivos com suas colegas de acolhimento.

Todavia, ainda que exista esta clara restrição aos relacionamentos homoafetivos, a pesquisa se deparou com dois casos em que as acolhidas conseguiram burlar as normas institucionais e, ainda assim, permaneceram na CT. No primeiro caso, Salete³, 37 anos, relatou que ao ingressar no tratamento, se aproximou de uma outra jovem a qual correspondeu suas investidas amorosas. Embora estivesse ciente de que não poderia estabelecer nenhum tipo de relacionamento homoafetivo dentro da instituição, Salete assumiu uma postura bastante discreta para que sua aproximação desta jovem não fosse percebida pelas coordenadoras da instituição. E foi assim que ela viveu um breve relacionamento onde as trocas de cartas escondidas e se sentar uma ao lado da outra durante as missas eram alguns dos únicos momentos possíveis para trocas de afetos. Este relacionamento platônico - onde o contato físico era quase impossível – encerrou após as coordenadoras descobrirem o que estava ocorrendo e colocá-las em alojamentos distantes um do outro.

O segundo relato nos é apresentado por Cássia⁴, de 22 anos, recém-chegada à CT onde já nos primeiros dias de acolhimento iniciou um relacionamento com outra jovem que igualmente acabara de ingressar no tratamento. Segundo Cássia, as duas se conheceram no momento da triagem⁵ e, desde então, começaram um relacionamento amoroso atravessado por diversas brigas provocadas por ciúmes de ambas as partes. Estas brigas acabaram por colaborar para a exposição do relacionamento do casal e, diante disso, a coordenação da CT tomou algumas medidas para afastá-las. Entretanto, mesmo com o afastamento, as brigas por ciúmes continuaram, especialmente porque Cássia passou a ser bastante assediada por outras acolhidas da instituição. As brigas cessaram apenas quando a namorada de Cássia decidiu abandonar o tratamento dois meses após chegar à CT.

Estes dois relatos nos mostram a necessidade de considerar a agência (GIDDENS, 2009) das acolhidas diante das instruções definidas pela instituição. É notório que existe um empenho considerável no sentido de impedir que estes relacionamentos aconteçam durante o tratamento. Mas, nas interações diárias que estas mulheres estabelecem entre si existem brechas que elas são capazes de explorar de forma muito criativa para burlar as regras institucionais.

Para além das restrições impostas pela CT à homossexualidade, faz-se necessário considerar como tais interdições estão diretamente relacionadas com a construção do ideal de mulher buscado pelas religiões cristãs. Em estudos anteriores (TARGINO, 2017;

que orientam as restrições e permissões empregadas para as expressões amorosas.

3 Nome fictício.

4 Nome fictício.

5 Esta triagem, que dura entre duas e três semanas, tem a intenção de preparar as acolhidas novatas para efetivamente ingressarem na CT.

TARGINO & MESQUITA, 2018, 2020), foi possível constatar que no âmbito de CTs católicas e evangélicas existe o compartilhamento de moralidades - religiosas e não religiosas - que servem de base para a construção do que seria o modelo ideal de mulher cristã. De acordo com essa perspectiva, tal modelo se sustenta sobre o tripé “boa mãe + boa esposa + boa fiel” que, segundo as moralidades compartilhadas nas instituições em tela, seria inalcançável pelas mulheres usuárias de drogas, assim como também pelas mulheres que não vivenciam e performam heterossexualidade. Ainda, quando observamos esta questão por outro ângulo, podemos perceber que há nestas instituições a compreensão de que o cumprimento das orientações que envolvem a maternidade, o casamento e a igreja constituem a estratégia mais consistente para que estas mulheres atinjam o pleno afastamento do uso de drogas. Em suma, podemos dizer então, que a verdadeira mulher cristã é aquela que se dedica plenamente ao marido (casamento), à família e à igreja.

Nesse cenário, não há de forma alguma espaço para a construção de qualquer modalidade diferente de núcleo familiar ou de relacionamento afetivo que não esteja comprometido com o modelo heteronormativo defendido, inclusive, pelos setores mais conservadores da sociedade como o único possível. Por isso, a nova economia dos afetos à qual as acolhidas estão submetidas implica no completo afastamento de qualquer tipo de relacionamento que possa ser interpretado pela equipe dirigente da instituição como inadequado.

Com a intenção de evitar toda forma de aproximação considerada inadequada entre as acolhidas, encontramos na CT observada algumas regras que, quando não são cumpridas, levam à aplicação de sanções. Trocas de olhares, carícias ou outras expressões de afeto vistas como “perigosas” são terminantemente proibidas. Nos casos em que as acolhidas descumprem essa determinação, elas recebem punições que vão desde a exclusão de alguma atividade de lazer até a expulsão permanente da instituição. Na entrevista concedida por uma das coordenadoras, ela mencionou que alguns casais homoafetivos – formados dentro da comunidade terapêutica e que recusaram se separar – foram expulsos da instituição como forma de exemplo para as demais acolhidas. Em outros casos, de acolhidas que tentaram se relacionar amorosamente, mas que aceitaram o afastamento imposto pela instituição, permitiu-se a permanência delas na instituição.

Sim, já tivemos situações aqui em que elas confundiram as coisas. A gente tenta instruir e mostrar que isso aqui dentro não pode acontecer. E quando elas não aceitam nossas instruções, o único jeito é a expulsão. Mas também têm as meninas que aceitam o que a gente fala, como a Carla e a Vitória⁶, que no começo estavam muito próximas e agora não dão mais dor de cabeça pra gente (Coordenadora da CT, 41 anos).

Para além da questão dos afetos entre as mulheres e dos impedimentos impostos aos mesmos, há outro ponto que merece ser destacado, pois diz respeito à performance

⁶ Nomes fictícios.

pública que se espera destas acolhidas. Algo que surgiu com muita força nas entrevistas foi o apelo da instituição analisada no sentido de estimular o desenvolvimento da “feminilidade” das mulheres em tratamento como uma maneira de reconstruir suas carreiras morais (GOFFMAN, 1988), afastá-las - quando necessário – de relacionamentos homoafetivos e torná-las mais próximas do ideal de mulher cristã que tratamos anteriormente. Nessa perspectiva, um dos recursos fortemente acionados trata do uso de vestuário entendido como mais adequado à rotina da CT, excluindo-se, por exemplo, o uso de roupas decotadas ou justas, muitas vezes associadas a um estilo de vestir e a condutas estigmatizadas (GOFFMAN, 1988, p. 14) que precisam ser redefinidas a partir da internação. Ao mesmo tempo, veta-se o uso de peças do vestuário masculino, uma vez que o uso delas é entendido internamente como um grave descumprimento das orientações acerca do ideal feminino. Justamente para evitar que as acolhidas se vistam de maneira classificada como inadequada, a instituição conta com um guarda-roupas coletivo onde todas as acolhidas podem usufruir de roupas, calçados e acessórios considerados apropriados.

O exercício desta modalidade de controle sobre os corpos femininos revela que esta CT está sobremaneira comprometida com uma perspectiva onde o pudor, o recato e a feminilidade devem ser estimulados entre as acolhidas. Importante destacar que, segundo a perspectiva compartilhada internamente, a performance feminina – com uso de roupas, calçados e acessórios classificados como “femininos” – estabelece um contraponto importante com homossexualidade feminina. Ou seja, de acordo com a retórica sustentada dentro da CT – e, diga-se de passagem, não só nesta instituição, mas também em diversos nichos da sociedade mais abrangente – a homossexualidade feminina é compreendida como uma experiência que passa necessariamente pela adoção de elementos “masculinizantes” – como o uso, por exemplo, de peças do vestuário masculino. Dessa forma, a orientação para que as acolhidas se vistam de maneira “feminina” é entendida como uma estratégia para que elas cumpram as expectativas alimentadas pela instituição no que tange à performance “correta” para as mulheres.

ONDE FICA O INDIVÍDUO NÃO-HETEROSSEXUAL?

Destaque especial precisar ser dado à presença dos recursos religiosos acionados pela CT, uma vez que eles são fundamentais para que possamos melhor apreender as experiências das acolhidas não-heterossexuais no âmbito das condições de tratamento oferecidas nesta instituição. De acordo com os relatos obtidos, a inserção das mulheres nesta CT as leva a uma nova compreensão a respeito de si mesmas e de qual performance deveriam exercer não apenas dentro da instituição, mas também diante da sociedade mais abrangente. A discussão aqui apresentada ainda precisa ser melhor desenvolvida em vários aspectos, tendo em vista que a observação acerca da questão principal desta comunicação se desdobra em diversos outros tópicos.

Por fim, diante de tudo que fora exposto até aqui, nos parece ser mais adequado falarmos de um “não lugar” ocupado pela mulher não-heterossexual dentro da CT. Os preceitos e moralidades aplicados internamente nesta instituição apontam para a necessidade da vivência de uma performance que coadune com as expectativas sustentadas dentro da cosmologia religiosa. Em função disso, ser, agir e se definir como homossexual é compreendido como algo que precisa ser absolutamente evitado pelas mulheres em acolhimento. Dentro desta CT não há espaço para qualquer tipo de experiência que não esteja profundamente alinhada às concepções heteronormativas amplamente defendidas não só por determinados grupos religiosos, como também por demais nichos conservadores presentes em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

GIDDENS, Anthony. A constituição da sociedade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

GOFFMAN, Erving. Estigma. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

RIBEIRO, Fernanda Mendes Lages; MINAYO, Maria Cecília de Souza. As Comunidades Terapêuticas religiosas na recuperação de dependentes de drogas: o caso de Manguinhos, RJ, Brasil. Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]. 2015, v. 19, n. 54.

TARGINO, Janine. Estudo de caso sobre comunidades terapêuticas religiosas. Ciencias sociales y religión/Ciências Sociais e Religião, v. 19, p. 75-92, 2017.

_____; MESQUITA, Wania. Mulheres em tratamento em uma comunidade terapêutica religiosa: relatos e experiências sobre dependência química. In: 42º Encontro Anual da ANPOCS, 2018, Caxambu, MG. Anais do 42º Encontro Anual da ANPOCS, 2018. p. 1-22.

_____. O nascimento da boa mulher cristã: notas sobre a experiência de mulheres adictas em uma comunidade terapêutica religiosa. Religare, v. 17, n. 2, 2020.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Comunidade terapêutica 68, 69, 71, 73

Crime 42, 43, 44, 45, 46, 51, 52

D

Dano emocional 42, 43, 44, 45, 47, 50, 51

Descolonização 5, 6, 23, 29, 30, 33

Divisão sexual do trabalho 8, 9, 10, 11

F

Feminismo 1, 2, 3, 5, 6, 7, 21, 23, 24, 29, 30, 31, 33, 34

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 63, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83

I

Ideologia de gênero 36, 37, 38, 39, 40, 41

Indivíduos não-heterossexuais 68, 69

Interseccionalidade 1, 5, 6, 7

L

Lesbianidade 1, 4, 5

M

Mulher 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 22, 24, 25, 26, 28, 29, 31, 32, 33, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82

Mulheres indígenas 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35

N

Nordeste 1, 2, 3, 6, 15, 26, 30, 32

P

Programa Mulheres Mil 8, 9, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22

Protagonismo de mulheres 74

R

Relacionamento abusivo 42, 43, 46, 47, 49, 50, 51, 52

Religião 15, 44, 73, 74, 81, 82, 83

S

Sistemas de informação 53, 63, 65

U

Uso de substâncias 68, 69

V

Violência 4, 7, 8, 14, 15, 16, 25, 26, 28, 29, 31, 35, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83

Violência contra a mulher 8, 15, 16, 26, 43, 53, 66, 78, 80


Violência psicológica 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52

Vítimas mulheres 42

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições

3



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições

3




Ano 2022